

Como ser aquele em que hei de tornar-me: uma “hermenêutica de si” a partir de Nietzsche

How to be the one I am to become: a “hermeneutics of the
self” based on Nietzsche

Marcos Beccari¹
UFPR/PR

Gustavo Díaz²
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

72

RESUMO

Tomando como ponto de partida a célebre sentença “torna-te o que tu és”, do poeta grego Píndaro, este estudo aborda as relações entre arte, hermenêutica e autoformação, na esteira da filosofia nietzschiana. Para tanto, o ato poético é entendido como indissociável da experiência vivida e, sobretudo, do movimento do vir a ser, com o entendimento da arte como um modo de vida. Essa abordagem é levada a cabo tendo em vista as implicações educacionais de um tal princípio ético pautado na transformação de si como chave para a compreensão e releitura do mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Hermenêutica, autoformação, criação de si.

ABSTRACT

Taking as a starting point the famous sentence “become what you are” by the Greek poet Pindar, this study addresses the relationships between art, hermeneutics and self-formation, in the wake of Nietzschean philosophy. To this end, the poetic act is understood as inseparable from the lived experience and, above all, from the movement of becoming, with the understanding of art as a way of life. This approach is carried out considering the educational implications of such an ethical principle based on the transformation of oneself as the key to understanding and reinterpreting the world.

¹ E-mail: contato@marcosbecari.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2178-097X>.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da USP. E-mail: gustaveaux@gmail.com.

KEYWORDS

Hermeneutics; self-education; self-creation

INTRODUÇÃO

“Como alguém se torna o que é”, subtítulo de *Ecce homo*, é a máxima que Nietzsche (2009) resgata da segunda das *Odes Píticas*, do poeta grego Píndaro (1997), para fazer frente ao “conhece-te a ti mesmo” socrático³. A formulação original “sê quem tu és, aprendendo quem és”⁴, na tradução de Carlos Leonardo Bonturim Antunes (2012, p. 220), atenua o oxímoro que parece abalizar sua abreviação mais famosa, “torna-te quem tu és”; afinal, como tornar-me aquele que já sou? Analisado como norma deontica, parece se tratar de um imperativo que ordena revogar disposições atávicas e assumir protagonismo e agência, onde o aprendizado se confunde com o processo de subjetivação. “Ser” constitui, assim, um tipo de aprendizagem, não uma forma espontânea de existir no mundo. Mais que isso, pode-se inferir que o existir resulta de um exercício hermenêutico: ao interpretarmos o mundo, não só conhecemos o mundo, mas antes (re)criamos os valores que circunscrevem quem somos no mundo.

“Torna-te quem tu és” relacionaria, pois, hermenêutica a um processo formativo e cultural. Formativo porque, exigindo o recurso de um conhecimento prévio para existir no intuito de tornar-se, demanda, por conseguinte, um tipo de gesto criativo precedente ao ser. E cultural porque, ao narrar-se enquanto autor da própria existência, o sujeito é capaz de alterar seu lugar e participação na cultura, recriando-se nela enquanto a interpreta. O processo pode ser ilustrado pela experiência mesma da leitura: capturado pela narrativa com a qual o texto propõe seu próprio universo de sentido, é o leitor quem acaba sendo levado a “compreender-se diante do texto”, nos termos de Paul Ricoeur (2008, p. 68) – de forma análoga, outrossim, à célebre proposição de Paulo Freire (2003), que via no ato de ler um prolongamento e um retorno crítico à leitura do mundo.

Ainda decorrência do adágio de Píndaro, temos o “interpretar/aprender” como “tornar-se”, constituindo um processo de autocomposição: “o mundo não é, o mundo está sendo”, citando outra vez Paulo Freire (2015, p. 90). Levando em conta que no radical de *compositio* há o verbo *ponere* (pôr, colocar) – correlato ao de *poiésis* (do verbo *poien*, fabricar, criar) –, pode-se assumir que aquela autocomposição (ou autopoiese) se irmana etimologicamente ao sentido de *capere*: pegar, trazer para junto de si, dispor, arranjar, gestos estes relacionados à estética, ao aprendizado e sobremaneira à

³ Sabe-se, no entanto, que a sentença *gnosi seautón* estaria gravada no pórtico do oráculo de Delfos, antes de ser atribuído, por parte de Platão, a Sócrates. Segundo Foucault (2014, p. 267), tal princípio era, no contexto oracular, “um conselho técnico, uma regra a observar para a consulta do oráculo. ‘Conhece-te a ti mesmo’ significava: [...] ‘Sabe bem qual é a natureza de tua pergunta quando vens consultar o oráculo’”.

⁴ Nietzsche suprime a palavra *mathon*, que no fragmento de Píndaro (*genói hoios essi mathon*) faz alusão ao aprendizado. No contexto original, o verso de Píndaro (1977) foi cantado em função das dificuldades e lições que tornaram um esportista um herói, um vencedor.

atividade artística. De sorte que a atitude incentivada por Píndaro significa, em sua radicalidade, implicar-se na matéria-texto do mundo, misturando-se nela, descobrindo-se visceralmente não como parte autônoma, mas pertencente a uma mesma *compositio*. Qual seja, aquela de nossa própria existência, que ao ser narrada e rearticulada faz do ato de compreender um gesto simultaneamente artístico e autoformativo.

Neste estudo, investigamos como, na filosofia nietzschiana, o aprender com quem se é acarreta um esforço criativo que nos implica no mundo, como uma autoria poética do próprio destino para implicar-se nele. Em um primeiro momento, delineamos brevemente a crítica de Nietzsche em relação a um sujeito fixo e acabado que preexiste às suas vontades e ações. Em seguida, esclarecemos como a dimensão hermenêutica torna-se ontológica quando assumida de forma criativa no exercício de um *vir-a-ser* subjetivo. Mencionamos, ainda, o interesse tardio de Foucault pelas técnicas de si na Antiguidade clássica para indicarmos, por fim, a possibilidade de um sujeito como obra a ser trabalhada, tanto no sentido de tornar-se artista de si mesmo quanto no sentido de criar a vida como obra de arte — e, para ilustrar essa possibilidade, tomamos de maneira abreviada o próprio percurso biográfico de ambos os filósofos mencionados.

1 DO SI MESMO AO QUE SE É

A noção de “tornar-se o que se é” não aparece somente em *Ecce homo*, mas percorre de forma dispersa toda a obra nietzschiana⁵. Ao mesmo tempo, também é constante em Nietzsche a crítica da noção de sujeito, de consciência e de um “eu” coeso e autônomo. Com isso, importa-nos assinalar de saída o que para ele significa “o que se é”: certamente não se trata de uma ideia abstrata como a alma ou a verdade sobre si. Em vez disso, o predicado “tornar-se” faz o *que se é* coincidir com um *vir-a-ser*. É nesse sentido que Nietzsche contrapõe o adágio de Píndaro ao imperativo socrático “conhece-te a ti mesmo”: o que há para se conhecer, nesse caso, é nossa essência ou alma, ou seja, aquilo que é o que sempre o foi e sempre o será; não passível, pois, de *vir-a-ser*.

Para Nietzsche, é ilusória a crença em um “si mesmo” como substância fixa e como causa/origem de nossas ações. Inversamente, são as *ações* que constituem o que somos: “Não há nenhum ser atrás do fazer, do atuar, do devir, o ‘agente’ foi ficticiamente acrescentado ao fazer, o fazer é tudo” (NIETZSCHE, 1998, I, § 13). Noutros termos, o que somos é verbo: um fazer, um querer, um tornar-se; e não uma coisa dada. Destarte o conhecer a si mesmo, essa busca por um suposto “eu” perdido no fundo do que somos, não faz mais do que reiterar juízos e valores que nos foram relegados em forma de consciência (cf. NIETZSCHE, 2000, II, § 52). Quando, por exemplo, alguém procura compreender certa ação, vontade ou decisão, é comum pressupor que por trás dela haveria uma espécie de caráter ou natureza por parte do sujeito que a exerce. No entanto, tudo o que se pode aí encontrar — bondade,

⁵ Por exemplo: no aforismo 263 de *Humano, demasiado humano*; nos parágrafos 270 e 335 de *A gaia ciência*; e em várias das seções de *Assim falou Zaratustra*.

perversidade, razoabilidade, alienação etc. – são valores acrescentados à ação, e não inerentes a ela. Nos termos de Nietzsche,

Todo homem irrefletido acha que somente a vontade é atuante; que querer é algo simples, puramente dado, não deduzível, em si mesmo inteligível. [...] Para ele, a vontade é uma força magicamente atuante: crer na vontade como causa de efeitos é crer em forças magicamente atuantes. Originalmente, toda vez que presenciou um evento, o homem acreditou numa vontade como causa e em seres pessoais, donos de vontade, atuando no fundo. (NIETZSCHE, 2012, § 127)

Uma questão, pois, parece ser inevitável: se não há um eu antes da ação, o que é que poderia tornar-se o que (ainda não) é? O humano é, para Nietzsche, constituído por impulsos cegos e fisiológicos, isto é, os fluxos e refluxos de um corpo não controlável em absoluto pelo intelecto. “O tempo do metabolismo mantém relação precisa com a mobilidade ou a paralisia dos pés do espírito: o próprio ‘espírito’ não passa de uma forma desse metabolismo” (NIETZSCHE, 2009, p. 38). Significa que o eu não é a mesma coisa o tempo todo; enquanto um metabolismo, tende a incorporar cada vez mais traços de personalidade e modos de ser⁶. Seu único traço constante é propriamente a inconstância: enquanto estivermos vivos, enfrentaremos sempre novas situações que nos levam a acolher novos impulsos e a exercer novas ações. Daí que, “quando queremos descer ao rio que aparentemente é mais nosso e pessoal, vale a afirmação de Heráclito: não se entra duas vezes no mesmo rio” (NIETZSCHE, 2000, II, § 223).

75

A partir dessa premissa, outras questões podem advir: seria o tornar-se o que se é uma decisão a ser feita, algo da ordem da vontade? E seria possível tornar-se outra coisa que não o que somos? Ora, como “ninguém tem um poder absoluto sobre si mesmo, ninguém poderá, em virtude de uma simples decisão, modificar-se profundamente em um sentido determinado” (DIAS, 2011, p. 116); mesmo “a vontade de superar um afeto é, em última instância, tão somente a vontade de outro ou vários outros afetos” (NIETZSCHE, 2005, § 117). E como salienta Jorge Larrosa, o tornar-se o que se é passa ao largo da lógica identitária do autodescobrimento ou da autorrealização; ao contrário, remonta a uma lógica inventiva de desidentificação:

Diferente de Rousseau, o chegar a ser o que se é não repousa sobre a observação introspectiva de si mesmo. Para Nietzsche, não há um eu real e escondido a descobrir. Atrás de um véu sempre há outro véu; atrás de uma máscara, outra máscara; atrás de uma pele, outra pele. O eu que importa é aquele que há sempre além daquele que se toma habitualmente por sujeito: não está por descobrir, mas por inventar; não por realizar, mas por conquistar; não por explorar, mas por criar

⁶ “Nós contemos em nós o esboço de muitas personalidades: o poeta se trai em suas criaturas. As circunstâncias tiram de nós uma forma, mas, quando as circunstâncias mudam muito, descobrem-se em si mesmo duas ou três personalidades. A partir de casa um dos instantes de nossa vida, há numerosas possibilidades: o acaso sempre põe a mão” (NIETZSCHE, 1995, II, § 219, p. 295-296).

da mesma maneira que um artista cria uma obra. Para chegar a ser o que se é, tem que ser artista de si mesmo. (LARROSA, 2009, p. 64-65).

Portanto, o tornar-se o que se é “nada tem a ver com o saber, o poder e a vontade como atributos de um sujeito que sabe o que é e o que quer; é, ao contrário, um desprender-se de si” (DIAS, 2011, p. 130), posto que “o ego é tão somente um embuste superior; um ideal” (NIETZSCHE, 2009, § 5). O *vir-a-ser* faz apenas alusão a um sujeito que, a partir da recolha de experiências e do exercício da experimentação, pode se desidentificar de si mesmo e passar a se conceber como forma a compor, como uma narrativa múltipla, inacabada e errante – “nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem” (NIETZSCHE, 2000, I, § 638). Larrosa (2009, p. 67) ainda observa que, na ideia de experimentação, vemos tanto o radical “ex” de exterior, exílio, estranho, êxtase, quanto o radical “per” de percurso, do passar através, mas também da permanência de um eu que não cessa de recompor e ensaiar a si mesmo. É também um processo, ademais, de desenraizamento, algo próximo ao *bodenlos* enquanto condição existencial que Vilém Flusser incorporou ao longo de toda a sua vida: sem chão, apátrida, sem descendência (BECCARI, 2021).

2 DA INTERPRETAÇÃO/ARTE COMO VONTADE CRIADORA

Se, nos termos de Larrosa, como vimos, o tornar-se o que se é equivale a ser “artista de si mesmo”, resta-nos compreender o ato criativo aí presumido. Uma vez que o imperativo de Píndaro não remete a uma escolha a ser feita a partir da soberania de um sujeito capaz de criar-se a si próprio, de onde viria essa ação criadora? Em sua *Genealogia da moral*, Nietzsche (1998, III, § 25) argumenta que arte e “vontade de verdade” (isto é, o anseio de descobrir o que há “por trás” das coisas) são impulsos autoexcluentes – sendo que, para o filósofo, a ideia de “arte” não se restringe ao fazer artístico e às obras de arte, mas compreende toda forma (e vontade) de criação e transfiguração. Nesse sentido abrangente,

Criamos o mundo, desde que não o pensemos como entidade abstrata; criamos as coisas, que não são realidades neutras, mas valores. Não há no mundo entidades subjacentes que um olhar observador pudesse descobrir e explicar. A “coisa”, a substância é ficção pela qual o imobilizamos e o submetemos ao conceito. [...] Quando Nietzsche afirma que não há nada para ser “explicado”, mas interpretado, que nada há para ser descoberto, mas inventado e que explicar é referir uma coisa inusitada a coisas habituais, ele está querendo dizer que não há um mundo de coisas dadas para o intelecto desvelar, para extrair delas sua verdade. Tudo o que constitui o mundo é uma soma de valorações. [...] Para determinar o valor das coisas, não basta conhecê-las: é preciso que se tenha o direito de valorá-las. Interpretar e organizar o mundo não quer dizer conhecê-lo, mas criá-lo. (DIAS, 2011, p. 58-59)

Da mesma forma que interpretar um texto não equivale a explicá-lo (um mesmo texto admite inúmeras interpretações), interpretar o mundo não implica conhecê-lo, mas antes criá-lo. E assim como não há leitura sem interpretação, não há experiência de mundo sem uma reescritura, sem a criação de valores e pontos de vista. O mundo dos valores, o único existente, está sempre em devir, como criação contínua. Mas o que, afinal, significa criar? É a vontade de *vir-a-ser*, interpretar, dar forma. Para Nietzsche, o ato de criar (*schaffen*) “não designa apenas um ato particular, mas um ato fora do qual nada existe” (DIAS, 2011, p. 65). É a atividade de dar forma a novas possibilidades de existência, tal como a interpretação tende a engendrar, nos termos de Paul Ricoeur (2008), novas proposições de mundo. Ao interpretar desde os mínimos eventos cotidianos, o eu só se torna quem é tecendo uma narrativa sobre si e sobre o mundo capaz de transmutar “acaso em destino” (RICOEUR, 2006, p. 114).

Ou, nos termos de Zaratustra, “o que chamais de Mundo, isso deve ser criado primeiramente por vós. [...] Mas assim quer minha vontade criadora, meu destino. Ou, para dizê-lo mais honestamente: é justamente esse destino – o que deseja minha vontade” (NIETZSCHE, 2011, p. 86-87). A arte enquanto vontade criadora, que Nietzsche contrapõe, como vimos, à vontade de verdade, é o que impede qualquer sentido de se fixar, e qualquer forma de existência a não se reduzir a um mero instinto de autoconservação. Em última instância, a vontade criadora é aquela que se reinventa sem cessar, em defesa da transitoriedade. Enquanto a doutrina do “conhece-te a ti mesmo” privilegia um eu perene e estável, o “tornar-se o que se é” remete não tanto ao sujeito criador, e menos ainda ao resultado criado, mas a uma ação, um impulso, um fluxo ininterrupto de criação. De sorte que, aos olhos de quem cria, não há um eu dado nem um mundo já realizado em relação ao qual é preciso se adequar. Também não há diferença, nesse viés, entre a criação de obras, o criar-se a si mesmo e o criar o mundo como obra de arte, já que toda criação é parte de um mesmo mundo.

O que importa é que a vontade criadora não se dá porque falta alguma coisa ao mundo ou à existência, mas porque não poderia haver mundo ou existência sem criação. O mundo são nossas interpretações, e a existência é o que fazemos dela. Nesses termos, passar da posição de um si-mesmo contemplativo para um *vir-a-ser* ativo requer o fazer interpretativo/criativo de transmutar acaso em destino: “Todo ‘Foi’ é um pedaço, um enigma, um apavorante acaso – até que a vontade criadora fala: ‘Mas assim eu quis!’” (NIETZSCHE, 2011, p. 133-134). O conceito de *amor fati* assinala essa lida com um devir que, “afirmado pelo ato de querer, [...] transfigurado pelo poder da afirmação é possibilidade de criação contínua” (DIAS, 2011, p. 78). Amar o destino, nesse sentido, não é meramente aceitá-lo, mas jogar com ele, agir junto com o devir. Por conseguinte, não se trata apenas de tornar-se o que se é, mas também de desejar isso, reconhecendo como nosso tudo o que nos tornamos e que ainda podemos nos tornar.

A vida de cada dia e cada hora parece demonstrar sempre de novo essa tese. Seja o que for – tempo bom ou ruim, a perda de um amigo, uma doença, uma calúnia, a carta que não chegou, a torção de um pé, um olhar de relance para uma loja, um argumento contrário, o ato de abrir

um livro, um sonho, uma trapaça – , imediatamente ou pouco depois, tudo se revela como algo que “tinha de acontecer”. É algo de profundo sentido e utilidade justamente para nós. (NIETZSCHE, 2012, § 277)

Tornar-se o que se é implica, pois, tornar absolutamente necessário o devir que nos acomete, tudo o que vem até nós ao acaso e de maneira inesperada. Não se trata de uma escolha, não se pode refazer o que já foi feito, mas é somente quando afirmamos tal sorte de destino, quando o queremos e nos implicamos ativamente nele, que somos impulsionados a uma ação criadora. A potência de todo *vir-a-ser* abarca essa capacidade de assimilar o acaso/devir que nos trouxe até o presente, de reinterpretá-lo e de apropriar-se dele. E tudo isso só pode ser feito contra um eu/mundo já constituído, ainda que com o necessário cultivo de valores, referências e tradições que perfazem tanto a ordem do mundo quanto a de um eu a ser reinventado. Em outras palavras, quando abandonamos um si-mesmo em virtude de um *vir-a-ser*, toda interpretação passa a ser impulsionada por uma vontade criadora e somos finalmente levados a encarar a vida como obra de arte, tornando-nos artistas de nossa própria existência.

3 DA ARTE DE CRIAR A VIDA COMO OBRA DE ARTE

78

O que me espanta é que em nossa sociedade a arte só tenha relação com os objetos, e não com os indivíduos ou com a vida; e também que a arte seja um domínio especializado, o domínio dos especialistas, que são os artistas. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que um quadro ou uma casa são objetos artísticos, mas não a nossa vida? (FOUCAULT, 1984, p. 331, trad. nossa)

A noção de “fazer da vida uma obra de arte” passa ao largo de qualquer ímpeto frívolo, cosmético ou ornamental de esteticismo. É um trabalho que exige interpretar os valores e eventos que nos constituem e, a partir deles, apreender uma forma capaz de dar inteligibilidade e coesão a quem de todo modo nos tornamos. Da mesma maneira que toda escritura depende de uma miríade de leituras previamente feitas, essa articulação do mundo e de nós mesmos só se inscreve a partir de referências, memórias e toda sorte de caracteres que já nos deram forma. Aqui se acrescenta algo, ali se suprime outro tanto; eis o interminável exercício. Muito do que ainda parece vago e resiste a tomar forma pode ser reservado para talvez ser retomado mais adiante.

Nada aí é certo e definitivo, e o próprio reconhecimento histórico-filosófico desse tipo de prática é impreciso. Foi somente a partir de 1980, por exemplo, que um filósofo como Foucault passou a admitir que o indivíduo pode ser capaz de reinventar a si próprio; até então, a subjetividade era por ele tratada como produto intrincado de poderes e saberes interiorizados. No curso *A hermenêutica do sujeito*, de 1981, Foucault (2004) se debruçou sobre certas práticas, denominadas “técnicas de si”, pelas quais alguns sujeitos da Antiguidade se relacionavam consigo mesmos. Essas práticas revelam que havia uma forma de subjetividade que se instaurava em uma espécie de

torção do saber/poder, proporcionando tanto jogos de verdade quanto um lugar de invenção de si. E aquilo que ele identificou como “cuidado de si”, na esteira do “tornar-se o que se é”, não se reduz a um conhecer-se a si mesmo, mas está ligado a uma técnica/arte que faz do “eu” o resultado de todo um trabalho sobre si:

Para um grego, a liberdade humana encontra sua obrigação não tanto ou não apenas na cidade, não tanto ou não apenas na lei, tampouco na religião, mas na *tékhne* (esta arte de si mesmo) que nós mesmos praticamos. É, portanto, no interior desta forma geral da *tékhne toû bíou* [arte da vida] que se formula o princípio, o preceito “ocupar-se consigo mesmo”. E lembremos justamente de Alcibiades que, pretendendo fazer carreira política e ter a vida de um governante, foi interpelado por Sócrates a propósito daquele princípio que ainda não percebera: não podes desenvolver a *tékhne* de que precisas, não podes fazer de tua vida o objeto racional que pretendes, se não te ocupares contigo mesmo. Portanto, é na necessidade da *tékhne* da existência que se inscreve a *epiméleia heautoû* [cuidado de si]. (FOUCAULT, 2004, p. 543)

O que chama a atenção de Foucault, pois, é essa noção de um sujeito como obra a ser trabalhada, “como sendo aquilo através do que fazemos a experiência de nós mesmos” (FOUCAULT, 2004, p. 590), em oposição a um sujeito que faz de si e do mundo um objeto a ser meramente conhecido. E essa própria ênfase tardia que o filósofo francês encontrara no sujeito não foi por ele apresentada como uma nova temática, mas como o fio condutor de toda a sua obra. Ou seja, ao descobrir, em seus últimos anos de vida, aquilo que Nietzsche já sabia e defendia — a saber, que a arte e a filosofia eram, para os gregos, um modo ativo de vida —, Foucault transformou um “assim foi” em “assim o quis”; seus escritos atestam esse processo constante de reelaboração do autor para consigo mesmo, bem como a percepção de que a nossa experiência de mundo não ocorre nem no interior nem no exterior do que somos, mas se instaura por meio das coisas que fazemos. São nossas práticas o que nos permite reelaborar o que somos, de tal maneira que um livro sempre tem algo a ensinar não tanto a quem o lê, mas antes e sobretudo a quem o escreve, conforme Foucault o expressa com clareza:

[...] eu me disse também que não haveria, talvez, sentido em se dar a pena de fazer livros se eles não devessem ensinar a quem os escreve o que ele não sabe, se eles não devessem conduzi-lo para onde ele não havia previsto e se eles não devessem lhe permitir estabelecer para ele próprio uma estranha e nova relação [consigo mesmo]. O sofrimento e o prazer do livro são de ser uma experiência. (FOUCAULT, 2014, p. 213)

As diversas práticas e técnicas que cultivamos ao longo da vida operam, assim, uma redescritção hermenêutica do mundo que nos permite assumi-lo como uma narrativa, uma ficção de nós mesmos. A vida como obra de arte, com efeito, inscreve-se como ficção, a ficção do *amor fati* — como um sentido que damos à nossa história, à

somatória das escolhas que fazemos com o fortuito da existência. Afinal, “[...] nós somos, até a medula e desde o começo — habituados a mentir. Ou, para expressá-lo de modo mais virtuoso e hipócrita, em suma, mais agradável: somos muito mais artistas do que pensamos” (NIETZSCHE, 2005, § 192). Essa arte de sujeitar o mundo a uma ficção, que para Nietzsche constitui o âmago da relação do humano com o mundo, uma relação facilitadora, só se torna criativa quando reconhecida como tal e exercida sobre nós mesmos: “Por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos um tal fenômeno” (NIETZSCHE, 2012, § 107).

4 CONSIDERAÇÕES À GUIA DE UM *VIR-A-SER*

Neste ponto já não há como eludir a resposta à questão de como *alguém se torna o que é*. [...] Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente *o que é*. Desse ponto de vista possuem sentido e valor próprios até os *desacertos* da vida, os momentâneos desvios e vias secundárias, os adiamentos, as “modéstias”, a seriedade desperdiçada em tarefas que ficam além *d’ a* tarefa. (NIETZSCHE, 2009, II, §9, grifos no original)

80

Cabe-nos, por fim, encarar o dilema fundamental de uma hermenêutica de si: como tornar-se o que se é sem saber o que se é? Questão essa que, embora não possa ser respondida senão por cada vivência individual, pode ser lida a partir de uma chave educacional que é própria do adágio de Píndaro, conforme sublinhamos no início deste estudo: *sê quem tu és aprendendo quem és*. Trata-se de um tipo de aprendizado que não se confunde com aquele do ensino formal, propedêutico, pois somente advém por entre as errâncias e os desacertos de um *vir-a-ser* aquilo que não suspeitamos sequer remotamente o que é. Nos termos de Foucault (2014, p. 231), afinal, não pode haver obra “sem uma *askesis* [ascese] que deve ser considerada como uma aprendizagem de si por si”.

Ora, o que seria essa aprendizagem de si por si senão uma experimentação, um ensaiar mil anseios e possibilidades de ser? Não haveria, portanto, qualquer indicação conclusiva acerca dessa empresa autoformativa e *ethopoiética*, isto é, que produz, modifica, transforma o *êthos*, a maneira de ser de um indivíduo. Mas, à guisa de uma conclusão, podemos apenas apontar uma abreviação de como o próprio Nietzsche e também Foucault levaram a cabo, de formas distintas, esse princípio de Píndaro ao longo de suas vidas.

Aos cinco anos de idade, Nietzsche perdeu o pai, os avôs paterno e materno, e alguns dos tios. Entregue então aos cuidados da mãe, das avós e das tias, foi ensinado a ser pastor, seguindo os passos do pai. Aos vinte e um anos, rebela-se contra a família e decide abandonar o curso de Teologia; foge de casa e se matricula na Faculdade de Filologia da Universidade de Leipzig. “No dia de sua matrícula havia uma celebração dos 100 anos da entrada de Goethe na mesma Universidade. Nietzsche considera esse acaso um sinal de boa ventura” (HARA, 2020, p. 19). E com apenas vinte e quatro anos,

Como ser aquele em que hei de tornar-me: uma “hermenêutica de si” a partir de Nietzsche

Nietzsche é nomeado professor de Filologia Clássica da Universidade da Basileia, na Suíça, em reconhecimento de sua brilhante trajetória acadêmica.

No início de sua carreira docente, Nietzsche idealiza a figura romântica do gênio, uma ideia que ele aprendeu com Schopenhauer e que projetou na figura de Wagner. Mas, em meio a tantos trabalhos acadêmicos a corrigir, e na lida com um estado de saúde que só se deteriorava, Nietzsche abandona seus heróis e pede demissão da Universidade ao completar dez anos enquanto professor. Nos próximos dez anos, viveria como um andarilho solitário, escrevendo dez livros cuja impressão, de baixa tiragem, era por ele próprio financiada. Tal percurso se encerra na escrita, em 1889 — três meses antes de seu trágico colapso mental em Turim⁷ — de *Ecce Homo*, cujo subtítulo reinterpreta a máxima de Píndaro, como uma espécie de coroamento de um longo itinerário transmutado em obra.

No caso de Foucault, a tônica do tornar-se quem se é se expressou como forma de diferenciar-se de si mesmo. A começar pela rejeição ao nome do pai, Paul, que é também o primeiro nome de Foucault — mas ele preferia ser chamado de Michel, seu segundo nome, escolhido pela mãe. Sua família esperava que ele se tornasse médico, como o pai; em vez disso, em seus primeiros livros, *História da Loucura* e *Nascimento da clínica*, ele tratou de estudar os precedentes coercitivos da prática médica. Foucault também foi, desde a juventude, repreendido por sua orientação homossexual, além de ter sofrido intervenções médicas por causa de duas tentativas de suicídio. Não é por acaso, portanto, o seu interesse em descrever as condições que tornam possíveis as práticas sociais que coagem os sujeitos, e através das quais também nos tornamos o que somos.

Mas Foucault nos ensina que, embora tais práticas nos sujeitem, elas não nos determinam. Daí o seu esforço em *reinterpretar* a história do mundo ocidental para entender a si mesmo. Se ele prosseguiu reavaliando o passado, era por insistir em encará-lo como novo, como uma redescoberta do presente a partir do silêncio de tudo o que permanece impensado. E o fazia não como uma busca por algum sentido profundo, na esteira de um “conhece-te a ti mesmo”; mas, ao contrário, para desfazer as tessituras dos sentidos, para desrealizar o mundo, desatando sua naturalidade em prol de novas configurações, lógicas e modos de vida. É dessa maneira, afinal, que Foucault exercia a sua assumida influência nietzschiana: nunca lhe interessou somente repercutir as lições do mestre, mas também nunca se dedicou apenas ao desenvolvimento de suas próprias ideias; o que mais lhe importava é o *uso* dessas ideias como instrumentos — sempre provisórios, dispersos, imprevistos — para que outros se apropriem deles e os reelaborem na lida de si consigo mesmos e com o mundo.

Em certo sentido, tanto Nietzsche quanto Foucault chegaram a ser o que foram não mirando para o alto, tampouco para dentro de si mesmos, mas sempre para o chão, para o caos que foram ora deixando, ora recolhendo pelo caminho. A matéria prima

⁷ Aos quarenta e quatro anos de idade, Nietzsche sofre um colapso mental que é posteriormente atribuído à parésia geral atípica devido à sífilis terciária, mas tal diagnóstico vem sendo questionado até hoje. Nietzsche viveu seus últimos anos sob os cuidados de sua mãe até a morte dela em 1897. Depois, caiu sob os cuidados de sua irmã, até morrer em 1900.

do *vir-a-ser* é justamente essa “multiplicidade de forças em permanente estado de tensão e de expansão” (HARA, 2020, p. 34-35) e que nos atravessam inevitavelmente ao longo do tempo. Tudo o que nos acontece é propício para que reinterpretemos o que somos, o que não somos e o que ainda podemos ser, num processo em que todo ponto de chegada se desdobra em infinitos pontos de partida. O fio condutor desse fluxo não é outro senão a vida – não uma vida abstrata, vivida genericamente por todos, mas a nossa própria. Com efeito, Nietzsche e Foucault nos inspiram a ter coragem de repensar indefinidamente o mundo e a nós mesmos mediante as várias linhas que se cruzam e se desprendem deste novelo que é o que chamamos de “eu”.

O principal interesse na vida e no trabalho é tornar-se alguém que você não era no início. Se você soubesse, quando começou um livro, o que você diria no final, você acha que teria coragem de escrevê-lo? O que é verdadeiro para a escrita e para uma relação amorosa é verdadeiro também para a vida. O jogo vale a pena na medida em que não sabemos qual será o fim. (FOUCAULT, 1988, p. 9, trad. nossa)

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério de. *O mundo, os homens e suas obras: filosofia trágica e pedagogia da escolha*. Tese de Livre-docência em Educação e Cultura. São Paulo: FEUSP, 2015.
- ANTUNES, Carlos Leonardo Bonturim. *Métrica e Rítmica nas Odes Píticas de Píndaro*. Tese de Doutorado em Letras Clássicas. São Paulo: FFLCH-USP, 2012.
- BECCARI, Marcos N. A estranheza de Flusser: entre arte, ciência e filosofia. *Concinnitas* (Instituto de Artes da UERJ), v. 22, n. 40, p. 276-295, 2021.
- DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FOUCAULT, Michel et. al. *Michel Foucault, un parcours philosophique: Au-delà de l'objectivité et de la subjectivité*. Paris: Gallimard, 1984.
- FOUCAULT, Michel. Truth, Power, Self: An Interview with Michel Foucault. In: MARTIN, Luther H.; GUTMAN, Huck; HUTTON, Patrick H. (eds.). *Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: Curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IX: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- HARA, Tony Renato. Torna-te o que tu és: um modo de vida filosófico. *Rev. Psicol. UNESP*, v. 19, n. 1, 2020, p. 15-37.
- LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. Belo Horizonte : Autêntica, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. *La volonté de puissance — vols. I e II*. Trad. Geneviève Bianquis. Paris: Gallimard, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: Como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PINDAR. *Olympian Odes & Pythian Odes*. Edited and translated by William H. Race. London: Harvard University Press, 1997.

RICOEUR, Paul. *Percursos do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2008.

Submetido: 18 de julho de 2024

Aceito: 10 de agosto de 2024